

Abaixo, há **DUAS ATIVIDADES** de expressão e interação escrita.
Você deve realizar as **DUAS**.
Ao concluir os textos e revisá-los, escreva-os nas folhas de respostas.

ATIVIDADE 1

Você vê o seguinte anúncio em uma agência de viagens:

VOCÊ ACHA QUE O TURISMO ECOLÓGICO DEVERIA SER
INCENTIVADO EM SUA REGIÃO?
QUAIS SÃO AS VANTAGENS DESSA PRÁTICA?
QUAIS SÃO AS DESVANTAGENS?

MANDE-NOS SUA OPINIÃO.
IREMOS PUBLICAR OS TRÊS MELHORES TEXTOS

1

Escreva seu texto.
Número de palavras: **entre 180 e 200 palavras**.

ATIVIDADE 2

Com base na leitura do conto *Nós os pistoleiros não devemos ter piedade*, em anexo, elabore uma **resenha crítica**.

Em seu texto:

- mencione o autor do conto;
- faça um breve resumo do enredo;
- faça sua avaliação, dizendo se você recomendaria a leitura ou não (por quê?);
- explique como é a linguagem do texto e a que tipo de público ele se destina.

Número de palavras: **entre 150 e 180 palavras**.

Conto

Nós, o pistoleiro, não devemos ter piedade¹ - Moacyr Scliar

01 Nós somos um terrível pistoleiro. Estamos num bar de uma pequena cidade do
02 Texas. O ano é 1880. Tomamos uísque a pequenos goles. Nós temos um olhar **soturno**.
03 Em nosso passado há muitas mortes. Temos remorsos. Por isto bebemos.

04 A porta se abre. Entra um mexicano chamado Alonso. Dirige-se a nós com
05 despeito. Chama-nos de **gringo**, ri alto, faz tilintar a espora. Nós fingimos ignorá-lo.
06 Continuamos bebendo nosso uísque a pequenos goles. O mexicano aproxima-se de
07 nós. Insulta-nos. Esbofeteia-nos. Nosso coração se **confrange**. Não queríamos matar
08 mais ninguém. Mas teremos de abrir uma exceção para Alonso, cão mexicano.

09 Combinamos o duelo para o dia seguinte, ao nascer do sol. Alonso dá-nos mais
10 uma pequena bofetada e vai-se. **Ficamos pensativo**, bebendo o uísque a pequenos
11 goles. Finalmente atiramos uma moeda de ouro sobre o balcão e saímos. Caminhamos
12 lentamente em direção ao nosso hotel. A população nos olha. Sabe que somos um
13 terrível pistoleiro. Pobre mexicano, pobre Alonso.

14 Entramos no hotel, subimos ao quarto, deitamo-nos vestido, de botas. Ficamos
15 olhando o teto, fumando. Suspiramos. Temos **remorsos**.

16 Já é manhã. Levantamo-nos. Colocamos o cinturão. Fazemos a inspeção de
17 rotina em nossos revólveres. Descemos.

18 A rua está deserta, mas por trás das cortinas corridas adivinhamos os olhos da
19 população fitos em nós. O vento sopra, levantando pequenos redemoinhos de poeira.
20 Ah, este vento! Este vento! Quantas vezes nos viu caminhar lentamente, de costas para
21 o sol nascente?

22 No fim da Rua Alonso nos espera. Quer mesmo morrer, este mexicano.

23 Colocamo-nos frente a ele. Vê um pistoleiro de olhar soturno, o mexicano. Seu
24 riso se apaga. Vê muitas mortes em nossos olhos. É o que ele vê.

25 Nós vemos um mexicano. Pobre diabo. Comia o pão de milho, já não comerá. A
26 viúva e os cinco filhos o enterrarão ao pé da colina. Fecharão a palhoça e seguirão para
27 Vera Cruz. A filha mais velha se tornará prostituta. O filho menor, ladrão.

28 Temos os olhos turvos. Pobre Alonso. Não se devia nos ter dado suas
29 bofetadas. Agora está aterrorizado. Seus dentes estragados chocalharam. Que coisa
30 triste.

31 Uma lágrima cai sobre o chão _____. É nossa. Levamos a mão ao coldre.
32 Mas não sacamos. É o mexicano que saca. Vemos a arma na sua mão, ouvimos o
33 disparo, a bala voa para o nosso peito, aninha-se em nosso coração. Sentimos muita
34 dor e tombamos.

35 Morremos, diante do riso de Alonso, o mexicano.

36 Nós, o pistoleiro, não devíamos ter piedade.

¹ Disponível em: < <http://literatortura.com/2013/02/canto-do-conto-moacyr-scliar-nos-o-pistoleiro-nao-devemos-ter-piedade/>>. Acesso em: 21 out. 2015.